

MEMÓRIAS E TRAJETÓRIAS SOCIAIS DE FAMÍLIAS FACCIONISTAS DO AGRESTE PARAIBANO E PERNAMBUCANO

Annahid Burnett¹

Francisco Fagundes²

Edmilson das Chagas Lira³

Resumo: Desde a década de 1990 a globalização impactou a indústria têxtil no Brasil. A partir de reflexões com base em estudos interdisciplinares, avaliamos essa relação da atividade têxtil e a produ-

¹ Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Pós-doutorado em Desenvolvimento Regional; Doutorado em Ciências Sociais; Mestrado em Sociologia; Licenciatura em Sociologia. Autora do Livro ESTUDOS DE CASOS EM ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA (org.), EDUFPE, 2020. Autora do Livro VOZES FEMININAS (org.) EDUFPE, 2019. Autora do Livro A SAGA DA ALGARROBA. NEA, 2018. Autora do Livro VOZES DA SULANCA, ED. NEA, 2016. Tradutora do Livro SOCIOLOGIA AMBIENTAL, do Prof^o John Hannigan da Universidade de Toronto, Ed. VOZES, 2009. Membro da OAC - Open Anthropology Cooperative by Keith Hart. Membro da National Geographic Society. Pesquisadora do Mestrado em Desenvolvimento Regional da UEPB.

E-mail: aburnett8@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6467431545670480>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9140-6919>

² Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Pós-doutor em História/UFPE. Doutor em Sociologia/UFPE. Professor do Departamento de História/UEPB (Campus III) nas áreas de História do Brasil e História da América.

E-mail: francisco.fagundes@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1047844514828839>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6150-4902>

³ Graduado em Licenciatura em Sociologia UEPB. Estagiário PIBIC do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional UEPB.

E-mail: edmilsonfilho22@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9158375583112907>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1988-6186>

ção ao rés do chão da estrutura produtiva, as famílias faccionistas. Com isso, procuramos responder a seguinte questão: como se deu o processo de trajetórias sociais de trabalhadores, a partir das memórias familiares e laborativas em diversas atividades profissionais? Ademais, como se constituiu uma relação laborativa com o avanço das igrejas evangélicas no agreste pernambucano e paraibano. Para tanto, realizamos uma análise sobre as trajetórias familiares diante de relações laborativas com as atividades no campo, empregos temporários e camadas de terceirização com desdobramentos na atividade têxtil faccionista. Como fundamentos teóricos, recorreremos à literatura da história social do trabalho e trajetória social, bem como estudos sobre memória e história oral. Utilizamos como fontes na nossa pesquisa narrativas orais e trabalhos de extração acadêmica referentes ao avanço da terceirização nas franjas das áreas periféricas do Brasil.

Palavras chave: Faccionista. Trajetória social e memória. Desverticalização produtiva.

MEMORIES AND SOCIAL TRAJECTORIES OF FAMILIES IN THE TEXTILE OUTSOURCE WORK IN THE AGRESTE OF PARAIBA AND PERNAMBUCO

Abstract: Since the 1990s, globalization has impacted the textile industry in Brazil. Based on reflections on interdisciplinary studies, we evaluated this relationship between textile activity and production on the ground floor of the productive structure, the families in the textile outsource work. Thus, we seek to answer the following question: how did the process of social trajectories of workers take place, based on family and work memories in various professional activities? Furthermore, how a working relationship was formed with the advancement of evangelical churches in the rural areas of Pernambuco and Paraíba. Furthermore, we carried out an analysis of family trajectories according to labor relations with activities in the field, temporary jobs and outsourcing layers with developments in the outsource textile activity. As theoretical foundations, we resorted to the literature of the social history of work and social trajectory,

as well as studies on memory and oral history. We used as sources in our research oral narratives and works of academic extraction referring to the advance of outsourcing in the fringes of the peripheral areas of Brazil.

Key words: Textile outsourcing. Social memories and trajectories. Productive unbundling

O avanço das atividades faccionistas e a crise do mercado formal do trabalho

A dinâmica produtiva no setor têxtil brasileiro passou por uma reestruturação produtiva e administrativa na década de 1990, em decorrência de um processo de grande concorrência das suas homólogas estrangeiras. A princípio essa reconfiguração não atingiu as pequenas empresas. Diante desse quadro as grandes empresas passaram a adotar gradativamente as práticas de terceirização diante das condições propícias às tendências da diminuição do Estado em decorrência da globalização econômica e da reconfiguração no campo do liberalismo para adotar mecanismos flexíveis de produção. Essa situação teve como uma das primeiras empresas a Hering, que em Santa Catarina terceirizou a produção na área de costura para facções em municípios vizinhos, afirmando a desintegração vertical produtiva (LUCLKTENBERG, 2004, p.116). Esse modelo produtivo tendeu a uma expansão por outras regiões, mas com especificidades, pois ao longo das décadas de 2000, de 2010 e de 2020 novas formas foram sendo desenvolvidas. Diante das transformações nas indústrias de diversos países do mundo, nas transições ou associações do fordismo/taylorismo com o toyotismo/volvismo, que reverberaram no mundo do trabalho no Brasil, estudiosos refletiram:

Políticas e programas de incentivo ao empreendedorismo passaram a ser implementadas. No Brasil, a partir dos anos 1990, diversos polos industriais foram se formando com essa característica, sobretudo no setor de confecção, como o de Pernambuco, formado pelas cidades de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama (...), Jaraguá, em Goiás (...), Cianorte, no Paraná (...) com a informalidade variando entre 40% e 70% das atividades da produção local. (LIMA, HOLZMANN, 2015, p. 67)

Esse espectro tecnológico e com implicações na vida dos trabalhadores foi abordado em uma pesquisa de Siqueira (2012), que revelou como a informalidade e a precarização do trabalho das costureiras foi realizado em Fortaleza (CE), através do estabelecimento de facções em um Bairro, o Conjunto Palmeiras. Nessas unidades flexibilizadas ao extremo, as costureiras fazem parte de um sistema de trabalho em facções de costura nas próprias residências, sem a existência de contratos formais de trabalho. O critério de inserção na base da cadeia produtiva do setor de vestuário e confecções é de uma experiência de ao menos um ano como costureira, tendo como base a informalização e a precarização do trabalho como condição interdependente. Conforme as análises sobre empregabilidade e trabalho, constatou-se que:

A individualização do trabalhador, sua responsabilização no trabalho, sua formação visando garantir a empregabilidade, buscam criar uma nova moral ou cultura do trabalho, na qual o trabalhador deve assumir o protagonismo. A redução dos níveis hierárquicos leva à diminuição do controle exercido por chefes e supervisores, instalando-se o controle no interior da própria equipe de trabalho e/ou na sua interiorização pelo trabalhador, o que torna-se muito mais eficaz. (LIMA, HOLZMANN, 2015, p. 63)

Essas relações estabelecidas pelas demandas de um mercado de trabalho em transformação foram demonstradas em um estudo

de caso referente às pequenas empresas no município de Bandeira do Sul/MG realizado por Ribeiro (2011). Foi analisado como as empresas têxteis instaladas promoveram uma transição do trabalho agrícola para as facções industriais, que junto ao poder público e a outros agentes do empreendedorismo aumentaram a renda e o trabalho em segmentos da população. Eram dez as facções envolvidas nessa dinâmica econômica em uma região de ausência de atividades organizativas de trabalhadores, proporcionando maiores ganhos aos empresários, que desverticalizaram a produção da cadeia produtiva. De acordo com essa perspectiva, estudiosos do mundo do trabalho avaliaram que:

Ao lado dessas situações, novas ocupações surgem assim como novas formas de gerenciamento do tempo e do espaço. Um deles é o flexitempo, no qual o trabalhador tem liberdade para estabelecer horários de entradas e saídas, ou mesmo determinar sua jornada, desde que atenda às metas exigidas pela empresa. O espaço da empresa e, em algumas situações, mesmo da fábrica, também deixa de ser necessário, com efeitos sobre a sociabilidade dos trabalhadores (LIMA, HOLZMANN, 2015, p.64)

Conforme as reflexões em questão, as novas formas administrativas e tecnológicas empurraram os trabalhadores para situações de desarticulação das organizações de classe. Diante desse contexto, a pesquisa de Neto (1995) analisou a relação de tecnologia, gerência e fatores de competitividade na formação da indústria têxtil em Criciúma/SC, dando ênfase nas empresas filiadas ao Sindicato das Indústrias do Vestuário. O estudo aponta para um quadro de subcontratação de trabalhadores e uma organicidade das empresas, mesmo em um quadro de competitividade, mas que assegura a dinâmica exploratória sobre os trabalhadores na região.

Em um estudo de Burnett (2016) o setor de confecção em Pernambuco teve relação com as feiras livres, pois as pequenas empresas familiares abasteciam essa modalidade de comércio. A dinâmica do trabalho familiar transplantada do trabalho agropastoril para o da produção de confecções demonstrou como a gestão dos trabalhadores do setor foi apropriada por empresas maiores, que formaram uma nova estrutura têxtil com o apoio do Banco do Nordeste e do SEBRAE. Em decorrência desses financiamentos e incremento de *designs*, as empresas do polo têxtil de Santa Cruz do Capibaribe passaram a ter como elemento de distinção perante as demais da região e se tornaram uma aristocracia da sulanca.

Em termos objetivos, as terceirizadas são classificadas em dois tipos para fins de estudo, mas também podem ter subvariantes ou particularidades outras: as facções (intermediárias ou subcontratantes) e oficinas domésticas, ou seja, do modelo internacionalmente chamado de *Sweetshops*, “fábrica de suor” ou “ateliês de miséria”, porque o trabalho é feito em longas horas com ausência de regulamentação salarial e pagamento de horas excedentes, que podem, inclusive, admitir o trabalho infantil ou pode ser realizado em condições similares ao trabalho escravo.

No caso das empresas têxteis em questão na região que ambienta a nossa pesquisa, os agrestes pernambucano e o paraibano, temos dois tipos de empresas, que realizam uma produção sincrônica e complementar: as definidas como tradicionais (cadeia produtiva verticalizada, autonomia na produção e trabalhadores “fichados” nas carteiras de trabalho) e as terceirizadas (desverticalizadas com diversas etapas no processo de produção com escalas variáveis na cadeia produtiva).

Metodologia

A relação das pesquisas históricas sobre o mundo do trabalho pode realizar aquisições para desvelar relações sociais em grandes e pequenas escalas de análise, pois o contato do pesquisador com os narradores faz emergir especificidades com relação às variações das experiências sociais em determinados processos históricos. Por essa razão, na nossa pesquisa, procuramos realizar cruzamentos de dados empíricos com perspectivas interdisciplinares com o fito de termos parâmetros para realizar análises sobre as relações dos agentes sócio-históricos com as estruturas sociais. Quanto à metodologia da história oral, segundo um pesquisador:

Diria que é antes um espaço de contato e influencia interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações *qualitativas* de processos histórico-sociais (...) Dessa forma, a história oral ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais. A consideração do âmbito *subjetivo* da experiência humana é a parte central do trabalho desse método de pesquisa histórica, cujo propósito incluiu a ampliação, no nível social, da categoria de produção dos conhecimentos históricos, pelo que também se identifica e solidariza com muitos dos princípios da tão discutida “história popular”. (LOZANO, 2006, p.16)

O uso das entrevistas associado às fontes de extração acadêmica ou da imprensa permitem um nível de aprofundamento analítico para uma melhor percepção das condições de agência individual e coletiva diante das estruturas sociais. Essa operação metodológica é uma forma de fazer um balanço da própria subjetividade com os dados originários de outros estudos para, assim, ter condições mais

efetivas para avaliar o percurso do trabalho. Com relação à questão da subjetividade, um estudioso da história oral refletiu:

Por isso, por muito controlável ou conhecida que seja, a subjetividade *existe*, e constitui, além disso, uma característica indestrutível dos seres humanos. Nossa tarefa não é, pois, a de exorcizá-la, mas (sobretudo quando constitui o argumento e a própria substância de nossas fontes) a de distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais.” (PORTELLI, 1996, p. 3-4)

Essa reflexão de Portelli (1996) sobre a subjetividade, sobretudo quando se faz pesquisa com trabalhadores, nos traz indícios para pesquisa histórica sobre a importância das expressões religiosas e das experiências organizativas com percepções locais, abrindo espaços para diálogos interdisciplinares com a Antropologia e a Sociologia. Ademais, quando nos reportamos à subjetividade, temos como fazer análises sobre as experiências do narrador, bem como sobre as pertencas do pesquisador ante as relações sociais em questão.

No caso do uso da metodologia da história oral em estudos sobre o mundo do trabalho, podemos inclusive deparar-nos com uma variedade de identidades políticas, que são fruto do entrelaçamento de instituições sociais, crenças religiosas, estratégias de sobrevivência social e alinhamentos políticos. Nesse sentido:

A diferencia de la mayoría de los documentos de los que se vale la investigación histórica, las fuentes orales no son encontradas por el historiador, sino construidas en su presencia, con su participación directa y determinante. Se trata, por tanto, de una fuente relacional en la que la comunicación se produce bajo la forma de un intercambio de miradas (entre/vista) de preguntas y respuestas, no necesariamente en una sola

dirección. La agenda del historiador se entrelaza con la agenda del narrador: lo que el historiador desea saber puede no coincidir enteramente con lo que las personas entrevistadas desean contar. El resultado es que la agenda de la investigación puede ser radicalmente transformada por este encuentro: me ha sucedido sistemáticamente de tener que no sólo ampliar el contexto de la investigación sino transformar también el punto de vista gracias al impacto de los narradores. (PORTELLI, 2018, p.194)

Como recurso metodológico para se extrair as informações necessárias à execução desta pesquisa foram utilizadas pesquisa de campo e entrevistas semi estruturadas em profundidade com uma família de faccionistas. A posição metodológica aqui defendida é de que existem diversas pesquisas, que primaram por um olhar desde cima do processo produtivo das empresas desverticalizadas, enquanto, buscamos lançar uma observação, a partir das bases da estrutura garantidora de novas assimetrias exploratórias, desde um compromisso, também epistêmico, com os estudos thompsonianos (1988, 1998) sobre o mundo do trabalho.

Da análise das entrevistas semi estruturadas

A família com a qual realizamos entrevistas é originária dos estados da Paraíba e de Pernambuco. Destacaram nas narrativas ser de municípios do agreste, sub-região presente em estados da região Nordeste, cuja característica é de ser uma franja de terra entre o litoral e o sertão. As famílias do casal moravam em uma área próxima à fronteira, condição que lhes possibilitava, devido à condição de trabalhos no campo, a relação com atividades produtivas de cultivo, conforme o regime da sazonalidade e da capacidade de contratação de empresários rurais. O fato de morar na fronteira entre os dois estados pôde possibilitar, igualmente, incursões de trabalhadores ru-

rais sem terra para colheita de algodão no sertão ou trabalhos na construção civil nas cidades do litoral, quando algumas construtoras anunciam vagas. O agreste é um cruzamento de várias estradas, que seguem para o sertão ou para o litoral.

As primeiras entrevistas foram concedidas por Mauricea de Souza, que junto ao marido, concentram na própria casa uma oficina de costura no modelo faccionista. Para fins de exposição das ideias, iniciaremos com as memórias da narradora, que ao ser perguntada sobre as origens familiares nos declarou:

Assim a gente somos de Pernambuco, de Timbaúba, aí depois a gente veio pra cá, entendeu? A minha mãe e os filhos. Aí pra falar dos meus avós, eu não tenho muita história porque eu não consigo associar a minha vó, e da parte do meu pai, eles são de Esperança (município da região do agreste paraibano) e foram pra Boqueirão (município próximo a Queimadas, já no limite do sertão), pra o sertão de Boqueirão no sítio Facção, e aí o meu pai também morreu muito cedo, eu tinha quatro anos de idade, e a gente ficou afastado dos meus avós, aí eu também não tenho lembrança... (Mauricea Santina Soares Souza, entrevista concedida em 31 de outubro de 2017)

A migração é a condição social de uma experiência de camponeses imersos a uma situação de ruptura das relações de patronagem/moradores, gerando a constante busca de trabalhos sazonais no interior da região para o sustento familiar. Em casos extremos, esses camponeses partem para o “Sul” em busca por trabalhos, mas quando isso ocorre, geralmente os laços familiares tendem a ser comprometidos, representando uma ruptura com as relações geracionais com o trabalho rural. A narradora destacou alguns aspectos da vida familiar na passagem da vida nos sítios da área rural para uma pequena cidade próxima de Campina Grande/PB:

Aí minha mãe era de lá, de Timbaúba, meu pai morreu logo cedo, ela trabalhava com tomate, com plantios de tomate. Aí depois nós viemos pra cá, pra Queimadas, eu tinha treze anos, e vim pra cá terminar meus estudos... Eu não tive contato com avós nem paterno nem materno né, eu não sei nem quantos filhos eles tiveram. Aí minha mãe teve nove filhos e eu tenho três, hoje eu tenho quarenta e três anos, né... (Mauricea Santina Soares Souza, entrevista concedida em 31 de outubro de 2017).

A narradora rememorou a produção de tomates, que entre verduras e estivas eram produzidos em pequenos sítios ou em propriedades maiores. Os camponeses migrantes buscam cidades próximas as de um porte um pouco maior por ter um custo de vida mais acessível, considerando que em Campina Grande (em relação às cidades vizinhas) o custo de vida é mais caro, exceto se a morada for nas periferias. De todo modo, temos a percepção da parte desses trabalhadores da necessidade de buscar novos ofícios para sobrevivência, razão pela qual a escola pode facilitar as condições para o ingresso no setor de serviços ou em alguma fábrica. Na sequência a narradora demonstrou como se deu uma educação profissional voltada para o setor têxtil:

Sim, na verdade eu aprendi a costurar num curso que eu fiz, né, aí eu me apeguei a costura, aí eu comecei a trabalhar em fábricas, aí eu fui me aperfeiçoando, meus irmãos e minha mãe trabalhavam no roçado, eu não aprendi a costurar com ela não, esse foi meu primeiro emprego, foi esse. (Mauricea Santina Soares Souza, entrevista concedida em 31 de outubro de 2017).

O contato com a experiência do trabalho têxtil em uma fábrica permite a muitos desses operários e operárias a possibilidade de, em momentos de desemprego, considerando a alta rotatividade de trabalhadores nessas empresas, o ganho da vida em casa, mediante máquinas de costura para reparar roupas ou confeccionar alguns

modelos, sob encomendas. Segundo um estudo sobre esse processo aponta para razões práticas para construção da via exploratória:

O deslocamento espacial de atividades produtivas é uma das características da reestruturação produtiva em curso desde os anos 1970. A transferência de fábricas e de atividades relacionadas aos serviços para regiões nas quais as condições são mais favoráveis ao capital se intensifica. Salários mais baixos, uma classe trabalhadora nova e sem tradição de organização e lutas, controlada por governos autoritários, incentivos de toda ordem são atrativos às empresas, a fim de obterem vantagens num mercado cada vez mais competitivo em âmbito mundial. O emprego de mulheres em grande escala nesses empreendimentos demonstra a vulnerabilidade desse segmento da população trabalhadora, sobretudo de faixas etárias menores, diante do poder do capital em definir normas contratuais. A posição da mulher na família, submetida ao poder masculino, contribui para sua submissão no espaço de trabalho, tornando-se uma mão de obra adequada aos objetivos de lucratividade do capital. Essas condições têm sido decisivas na expansão industrial recente do sudeste asiático (...), ainda que, de certa forma, possam ser generalizadas, com intensidades distintas em outras regiões do globo. (LIMA, HOLZMANN, 2015, p 70)

Desse modo, temos uma situação referente ao trabalho feminino, voltado tanto para dominação de classe, que precisa ser considerada com referência ao sentido exploratório: a da sobrecarga vinculada ao trabalho doméstico, pois a jornada tende a ser estendida. Conforme uma pesquisa:

No Nordeste brasileiro, a instalação de empresas em pequenas cidades do interior tem provocado mudanças significativas no mercado de trabalho local, no qual, raramente, são gerados empregos formais. Uma dessas mudanças está relacionada à incorporação das mulheres neste mercado, preferencialmente empregadas pelas fábricas, nem sempre com a formalização de contratos de assalariamento. Modalidades consideradas inovadoras e que possibilitariam autonomia e gestão independente dos empreendimentos, como, por exemplo, a formação de cooperativas, tem, com frequência, substituído o estatuto de assalariamento (...) Ao lado dessas condições favoráveis às mulheres, a sua incorporação às fábricas não

dá-se em condições similares. A flexibilidade contratual, (por exemplo, nas cooperativas) permite às empresas desonerar-se de encargos devidos quando há demissões, “necessárias” de acordo com a oscilação da demanda. Ao mesmo tempo, a possibilidade de flexibilização dos horários de trabalho permite às mulheres conciliarem suas tarefas na fábrica com seus encargos domésticos como lavar, cozinhar, cuidar da casa e das crianças. Com isso, a divisão sexual do trabalho na família se mantém, agora com sobrecarga para as mulheres, que passam a assumir jornadas duplas, na fábrica e na família (LIMA, HOLZMANN, 2015, p. 71-72).

Contudo, podemos também encontrar situações entre homens e mulheres, que criam um nível de simetria, como, por exemplo, a do marido de Mauriceia, que desempenha outras funções laborativas e, quando está em casa, se volta para o trabalho têxtil faccionista. Diante da precariedade da vida laborativa, temos famílias como a de Mauriceia, que o cônjuge se torna um “batalhador” (categoria nativa para o trabalhador faz tudo para garantir o sustento da prole). Não raramente, o saber é compartilhado e a família pode ser configurada no trabalho têxtil como faccionista. Ainda segundo a narradora:

Aí quando eu saí, eu montei a minha confecção, faz doze anos que eu trabalho pra mim, eu trabalho com terceirização, trabalho com facção né, aí eles trazem o tecido e a gente faz a montagem da camisa, a gente é tipo, exclusiva da Mioche (marca de confecção da região). Eu trabalho aqui com minha família, meus filhos, meu marido, a família toda vive desse trabalho. (Mauriceia Santana Soares Souza, entrevista concedida em 31 de outubro de 2017).

Percebemos, pois, que com a desverticalização da indústria desde a década de 1990, o fato de possuir conhecimentos na operação de máquinas de costura pode ser uma iniciação ao trabalho como faccionista, mediante a oferta de trabalho de alguma empresa local ou nacional. Vale destacar, que a produção doméstica implica

em alguns custos familiares, como as taxas de água e luz, além de interferir na própria organização de uma estrutura produtiva com o caráter de uma pequena empresa relacionada à sobrevivência. Segundo a visão de sociólogos do trabalho:

Mesmo em atividades fabris menos qualificadas, a possibilidade do trabalho fora do espaço da empresa, em geral domiciliar, ou em pequenas oficinas, se mantém e se expande. A indústria de confecções e do vestuário, na qual esta prática é bastante usual, agora se integra a cadeias produtivas globais e a grandes redes de lojas. Renascem as *sweatshops*, em países como o Brasil, onde nunca deixou de existir, mas também no centro de grandes cidades europeias e norte-americanas (...) No espaço doméstico, o trabalhador, em tese, gerencia seu tempo, desde que cumpra as tarefas programadas. No local do trabalho, dependendo do tipo de empresa e produto, pode acontecer o mesmo, o que ocorre por exemplo, nas empresas de produção e acompanhamento de serviços de software. (LIMA, HOLZMANN, 2015, p. 65)

Conforme a entrevistada, o espaço doméstico foi hibridizado pela atividade profissional, através da adesão ao modelo faccionista. Cabe ao faccionista o gerenciamento do espaço, devido à formação de uma ocupação multifuncional, e a prática produtiva, que pode contar com mão de obra suplementar, consoante a demanda, mas também pela iniciação de novos trabalhadores na produção. Esse fato faz lembrar as corporações de ofício, quando um trabalhador mais experiente introduzia os mais novos em uma dada atividade. De acordo com a narradora:

Tem umas três costureira, o resto é família, minha nora e minhas irmãs, meu marido faz a parte da lateral, e cada um tem uma função, cada um tem uma parte. Aí tem umas máquinas que elas são eletrônicas, outras semi eletrônica, aí vai dependendo de cada função que a gente necessita. Eu faço parte da Assembleia de Deus, e trabalha comigo ou a família de casa ou a família da igreja, porque assim, como a demanda é pouca né,

não tem necessidade de muita gente. (Mauricea Santina Soares Souza, entrevista concedida em 31 de outubro de 2017).

Cabe destacar que a produção de peças têxteis tendia a ser majoritariamente na fábrica, como uma estrutura concentradora de um coletivo de trabalhadores. Contudo, entidades como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e mesmo bancos como o do Nordeste representam a promoção da ideologia do empreendedorismo e procuram criar atrativos para os trabalhadores com alguma especialização se tornarem “empresários de si”. Ao avaliar a condição dessa família, temos outro nível de sociabilidade proporcionado pela relação com o culto evangélico. Com isso, a família nuclear é expandida pela experiência espiritual e incorporada relacional aos “irmãos” das igrejas, que demandam compartilhar alguma aprendizagem com os hodiernos mestres faccionistas.

Então, cabe aqui uma relação referente à distinção adquirida socialmente por fazer parte de uma unidade produtiva, que produz para empresas renomadas da região ou de nível nacional. Mas não se restringe a esse fato, pois o membro da igreja que faz parte de uma facção de um “irmão de moral ilibada” garante um nível de prestígio junto à comunidade de fé. Em alguns casos, essas facções podem elevar uma oficina faccionista de costura à condição de uma empresa capitalista, quando pelas condições produtivas se relaciona à segmentação produtiva e de alta rentabilidade para as contratantes. Esse é o caso da chamada “aristocracia da sulanca” de Santa Cruz do Capibaribe, onde os financiamentos de bancos, os cursos técnicos de moda e as estratégias de gerenciamento do SEBRAE destacaram a produção de algumas pequenas empresas da base de produtoras de artigos de feira para penetrar nos quadros do consumo das classes médias.

As entrevistas com os membros da família de faccionistas demonstraram um processo com enleios às experiências laborativas no campo e a reprodução de práticas sociais inerentes a uma vida e cultura camponesa, que entraram em uma fase de coexistência com um pulverizado quadro “semi-industrial” se espalhando pelas comunidades rurais *pari passo* com as denominações evangélicas, cuja tradição é de um alheamento com relação às questões de lutas por direitos sociais.

Podemos destacar que anteriormente o trabalho fabril ocorria em uma fábrica, em um parque industrial, onde havia uma estrutura laborativa com espaço para organização sindical ou comissões de fábrica para confrontar a prática exploratória patronal. Contudo, com a destruição gradativa dos direitos referentes à CLT, ou ainda, da incapacidade ou lentidão da Justiça do Trabalho em cobrir áreas extensas para fiscalização, a condição de precarização da vida laborativa não consegue ser evitada. Ademais, em alguns casos, as pessoas envolvidas nas redes de precarização não compreendem a dimensão das perdas dos direitos adquiridos por gerações anteriores de trabalhadores, pois em algumas áreas rurais desprovidas de atividades industriais não há uma cultura de direitos trabalhistas e de mobilização de sindicatos operários por motivos óbvios. Em alguns casos, os trabalhadores podem, inclusive, achar vantajosa essa modalidade laborativa pelo montante de direito que recebem no ato da entrega da encomenda, sem reconhecer que o investimento realizado nas máquinas foi feito às suas expensas, a energia elétrica gasta é da própria responsabilidade, quanto ao pagamento, etc. Toda essa condição ganhou assento, a partir da ideologia do empreendedorismo, que na análise de pesquisadores:

Mesmo com a redução da informalidade a partir da segunda metade da década de 2000, a ideologia empreendedora permanece como perspectiva de inserção no mercado de trabalho, atribuindo-se ao trabalho por conta própria a oportunidade de crescimento individual, criatividade e capacidade de iniciativa dos indivíduos. A questão da flexibilidade no uso do tempo e na determinação do espaço de trabalho é valorizada como fator de exercício da autonomia. Na busca por um emprego regular, o potencial empreendedor do candidato passa a ser uma das qualidades valorizadas pelas empresas. (LIMA, HOLZMANN, 2015, p 67)

A dinâmica capitalista pode acessar um grupo social nesse momento para um nível de proletarização, isentando as grandes empresas de um processo de inversões de capital em maquinários, pois, no caso em questão, as máquinas foram compradas pela família, que também passa por um nível exploratório vinculado à extração das mais-valia relativa e, além disso não possui direitos trabalhistas, maximizando o lucro da empresa pelo excesso das horas trabalhadas. Consoante a narrativa:

Eu me especializei em moda masculina, mas faço outras coisas, faço fardamento pra colégio, universidades, faço blusa, conjuntos, saia, tem eventos que a gente só faz a malha, eventos de igreja, ao todo trabalham aqui nove pessoas. Eu amo o que eu faço, e sou grata a Deus por ele ter me abençoado. (Mauricea Santana Soares Souza, entrevista concedida em 31 de outubro de 2017)

Em meio ao processo de proletarização inovada pela desregulamentação do trabalho com a terceirização da atividade fim, a narradora vinculada ao culto evangélico e com uma resistência à organização da classe trabalhadora, devido à adesão a um discurso voltado à passividade referente à luta por direitos. Esse grupo produz roupas masculinas e femininas. Neste trabalho faccionista conta com 9 (nove) trabalhadores também terceirizados, convidados para ingressar nesta modalidade de trabalho na própria denominação.

Destacamos a lógica da dádiva, a partir de uma visão de Mauss (2003), que sendo concedida por Deus à família a garantia do sustento na oficina faccionista e a “abertura de portas de empregos para outros” (pela iniciação ao trabalho), como a relação de uma ascese intramundana para a família retribuir a Deus, por meio da própria frequência assídua nos cultos realizados na igreja, como uma forma de retribuir a Deus os êxitos no trabalho familiar.

Destacamos, que, com referência às famílias de homens pobres e livres nas áreas rurais no modelo da patronagem do século XIX, a condição de que não havia remuneração à mulher ou aos filhos, mas ao chefe da família. Esse modelo ganhou envergadura nas áreas geográficas do atual Sudeste e, também, no Nordeste com nomenclaturas específicas: colonato e sistema de moradia. No caso do Nordeste, essa relação de produção persistiu em áreas como Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte entre as décadas de 1970 e 1980, quando os camponeses passaram a ser desalojados, por meio da quebra dessas relações, devido as novas formas exploratórias do trabalho no campo, a exemplo da condição dos boias frias e dos corumbas, trabalhadores volantes, conforme o regime de sazonalidade e sem ter acesso às carteiras de trabalho. A própria condição de serem trabalhadores agenciados pelos chamados “gatos” ou contratantes abriu as portas para burlar o Ministério do Trabalho, para dificultar o acesso dos migrantes aos sindicatos de diversos municípios (porque iam trabalhar na safra e eram remanejados ou voltavam os municípios de origem, quando não eram reduzidos ao trabalho, em condição análoga a escravidão).

Então, entre os colonos e os moradores havia uma ordem de trabalho não pago, pois o entendimento é que o homem era ajudado

pelos membros da família na obtenção de uma renda familiar, sendo por ele recebida pela condição de chefe. Ademais, vale pontuar que a era também comum a prática do pagamento da força de trabalho com gêneros no barracão da fazenda ou do engenho. As dívidas contraídas poderiam ganhar contornos de impagáveis, estabelecendo a impossibilidade de saída da unidade produtiva. Essa situação produzia o alinhamento político forçado às posições do patrão, pois se o camponês fosse expulso da morada teria que deixar a unidade produtiva em até 24 horas, pois a sedimentação dos modelos de fidelidade ao patrão passavam pela rotineira concordância com as posições políticas patronais, sendo impedidos de ter filiação sindical, de denunciar a exploração na Justiça do Trabalho ou de fazer greves.

As áreas rurais mantiveram com frequência uma memória social sobre essas práticas de trabalho com níveis de resistência à sindicalização, ao imposto sindical e ações coletivas voltadas para uma cultura de luta por direitos sociais. A memória sobre a repressão às Ligas Camponesas com o advento do golpe civil militar de 1964, bem como as injunções sobre trabalhadores sindicalizados ou membros de movimento da Igreja Católica (como a Ação Cristã Rural) garantiu a expansão de um nível de pregação e de crescimento de denominações evangélicas alheias às questões sociais e as demandas trabalhistas, classificadas no senso comum estabelecido como “comunistas”.

Mas a tradição laborativa de concentrar o pagamento ao chefe da família, enquanto o trabalho envolve outros membros no pacote de trabalho não pago, que envolve a contratação para produção de um determinado número de peças com prazo determinado, ganhou contornos atualizados, enquanto a encomenda feita pela empresa aos

faccionistas não opera o pagamento do trabalho agregado, mantendo, por outra via exploratória no campo da História do trabalho no Brasil, a remuneração destinada a membros específicos da família pelo trabalho executado. Na dinâmica da patronagem, que vem do século XIX e no século XX ganhou a especificidade com relação ao trabalho dos moradores dos engenhos e fazendas, apenas o chefe da família recebia a paga pelo trabalho executado pelo conjunto da família em uma dinâmica de hierarquização, quanto ao trabalho e a condição de provedor.

A possibilidade de um conhecimento técnico na operação de máquinas têxteis sem custos para os empresários, que lançam as sombras tanto nas fábricas como no espaço das facções, findam por retirar dos empresários contratantes as responsabilidades exploratórias e do próprio Estado as práticas de fiscalização com mais rigor, porque o nível exploratório é naturalizado na generalização da desregulamentação.

Os azimutes das trajetórias familiares

O recorte do nosso artigo está balizado por uma trajetória familiar. Após, considerarmos as memórias de Mauricea Souza, avaliaremos as narrativas de outros faccionistas, a partir da relação entre trabalho e família.

Com relação à narrativa de Mauricea Souza, temos as entrevistas com Gercino Deodato da Silva e Josefa Velez Tavares. Semelhantemente, temos trabalhadores originários do campo, cujas migrações concorreram para o ingresso em atividades do setor de serviço e no setor terciário. As migrações por caminhos diversos possibilitaram o encontro e o casamento entre esses trabalhadores.

De início, avaliaremos a entrevista com Josefa Velez:

Meus avós já são falecidos, né? Todos os dois, tanto paterno quanto materno. Eles eram agricultores... eu fui nascida e criada na roça, no sítio, sítio Gravatá dos Trigueiras, lá meus pais e meus avós eram agricultores, né? E a gente acompanhava, até os meus 17, 18 anos eu morava no sítio, meu pai botava roçado, eu também, né, acompanhei, aí depois eu casei, né, e vim morar na cidade. A gente lá no sítio, plantava feijão, arroz, a gente não vendia não, sabe? O que a gente plantava era pra passar o ano todinho, porque naquele tempo não tinha isso não, era naqueles depósito, aí a gente fazia a colheita, milho, feijão, batata doce, verdura... Isso há 40 anos atrás. Porque naquela época a gente não comprava né, a gente tinha verdura, batata doce, essas coisas a gente tinha tudo no sítio. Aí depois morreu meus avós maternos, com alguns anos morreram o meu avô, pai do meu pai, com pouco tempo faleceu meu pai também, minha vó. Aí minha mãe veio morar aqui (no município de Queimadas). (Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)

Igualmente à Mauricea Souza, Josefa Velez radicou-se em uma cidade nas cercanias de Campina Grande, Queimadas. A família possuía um pedaço de terra e garantia os víveres necessários à subsistência até casar e migrar para outra cidade. O vínculo com a terra foi perdido, após a morte do patriarca, que era o proprietário do sítio. Apesar das referências ao sustento proporcionado pela terra da família, Josefa Velez rememorou passagens de familiares, que migraram para outros estados:

Meu avô materno ele terminou o quinto ano, naquela época. Minha vó paterna, ela era analfabeta, e meu avô também. Os meus avós paternos e maternos, todos os dois, tiveram oito filhos, oito tanto os maternos e oito os paternos. Teve um tio meu que chegou a se formar, ele mora em Recife, ele é engenheiro, isso da parte de pai. Do lado da minha mãe, ela já é falecida, era uma tia minha que era técnica em enfermagem, morava no Rio de Janeiro. E as outras minhas tias eram tudo costureira, e até hoje ainda são, né, três moravam no Rio, e tem uma que mora aqui. Meu pai passou um tempo no Rio, e dois tios meu. O resto ficaram tudo

por aqui. Só que eles voltaram, né... (Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)

As condições de cultivo em áreas nas franjas do semiárido depende do regime das chuvas e quando as condições climáticas não são favoráveis se apela a silagem dos alimentos. Porém, com a possibilidade de secas em anos seguidos, existe a tendência à saída para outras áreas para garantir melhores condições à família. Segundo Josefa Velez:

Em Queimadas só tem eu, uma irmã minha mora em Campina Grande, e outras duas moram no sítio Gravatá. Mora duas irmã, meus sobrinho, minhas tias, meu irmão, a gente ainda vai lá. Lá é tipo um povoado, sabe? É bem evoluído, quando a gente tem tempo a gente vai. Minha mãe mora aqui em Queimadas, mora lá no centro, lá na Rua José Maia. Olhe eu terminei meus estudos né, não me formei por falta de oportunidade, as outras também tem o ensino médio, né, todos eles têm o médio e minha mãe também. Meu pai já faleceu. Eu tive dois filhos, um faz trinta e dois para o mês, ele é operador de máquina e tem um com 14 que terminou já né, concluiu o nono, ele fez até a inscrição para o FIES tá aguardando chamada. (Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)

A busca por melhores oportunidades da parte de populações oriundas do campo vem como uma tradição desde a década de 1930 do século passado, conforme afirmava Weffort (1978) ao se referir à “revolução individual”. Então, vemos o ingresso no ensino médio em uma geração e na posterior a possibilidade do ingresso no ensino superior. E esse movimento migratório no caso de Josefa Velez teve implicações na mudança de região. Conforme a narradora:

Minha mãe costurava, minhas tias eram todas costureiras, né? Aí eu morei um tempo no Rio de Janeiro, aí minhas tias tinham confecção, isso em 80... em 86 Cleiton nasceu... isso foi em 88. Eu fui com meu esposo. Eu morava lá... eu trabalhava a noite no hospital, minhas tias tra-

balhavam tudo com confecção, eu sempre gostei de costurar, aí durante o dia eu fui aprendendo né, aí me aperfeiçoei, aprendi com as tias... aí vim morar aqui em Queimadas, eu trabalhei muitos anos com costura em fábrica, eu trabalhei na Gumom, trabalhei na Lages, trabalhei na Tirruan, a bordada. Aí foi no tempo que eu tive um problema na mão, coloquei platina, não podia me movimentar, aí eu saí, agora eu trabalho em colégio, sou merendeira e tinha três máquinas, mas vendi uma, agora eu tenho a reto e a overlock. Ele também costura (se referindo ao seu atual marido), ele faz artesanato, meu filho também, esses quadros (indicando em direção as paredes da casa) é meu filho quem faz, o mais velho... “Espera aí um tempinho que eu vou olhar o almoço”. Aí eu vim pra costura assim, né? Quando aparece costura eu tô pegando. Porque na época que eu cheguei do Rio, minha mãe, a gente pegava costura de Santa Cruz, era lá no sítio, aí isso com várias máquinas, sabe? Mas, aí devido a problemas na coluna também, sabe? Eu diminuí mais na costura. Meu marido costura também, ele faz bolsa, faz tudo. (Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)

A narrativa de Josefa Velez aponta para alguns aspectos relevantes para uma compreensão do mundo do trabalho nas últimas décadas. O primeiro deles a questão da grande rotatividade nas fábricas, desde a instauração do regime militar e da chegada da dinâmica neoliberal no Brasil. O contato com maquinário têxtil moderno no Sudeste e o retorno ao Nordeste permitiu a aquisição de uma aprendizagem, que permitiu a instalação de uma unidade faccionista em casa. Nesses termos, temos um processo exploratório, que se coaduna com ideologia do empreendedorismo, que conforme os pesquisadores:

A precariedade das condições aí existentes (tanto na ausência das garantias laborais definidas pelo assalariamento, quanto às condições ambientais e de inserção e permanência do mercado de trabalho) revelam que os valores veiculados pela ideologia do empreendedorismo são uma falácia. O controle do tempo e a flexibilidade em relação ao local do exercício da atividade são de fato, elementos de insegurança e de incertezas no presente e não só quanto ao futuro. (LIMA, HOLZMANN, 2015, p.68-69)

No curso da entrevista com Josefa Velez, Gercino Silva também fez uma narrativa sobre a trajetória social. Nesse momento, a entrevista ganhou um sentido de um diálogo sobre o trabalho, que se tornou profícuo para análise desse contexto histórico. Conforme as narrativas dos entrevistados:

GDS, 57 anos. (esposo de Josefa Velez Tavares): Eu trabalho em costura desde os dez, doze anos em Recife, fabricando bolsa de couro, esse tipo de bolsa aí também (com o dedo indicador mirando para a minha bolsa), bolsa pra viagem, entendeu? Cinto, carteira...

J.V.T.: O ano passado mermo... Esse ano, tu pegou umas bolsas de Nildo pra fazer num foi?

G.D.S.: Foi eu peguei 400 bolsas para as professoras, do colégio do município, ele inclusive foi a um bocado de costureira, só que elas não tinham práticas, aí eles ia fazer o serviço com elas, só que elas não sabiam fazer. De vez em quando ele vem aqui, né? Pra mim só trabalhar com ele. Nildo Bolsas, ele tem uma loja logo aqui pertinho, aí quando ele pega em muita quantidade ele passa pra mim dar uma ajuda a ele, entendeu? Eu aprendi a costurar em Recife, com o meu tio, porque ele tinha uma clientela lá, agora isso era tudo em couro, que é uma mercadoria que é realmente cara, mas é boa e você passa muito tempo com ela o couro tem uma duratividade muito grande. Ele fazia compra de couro em Caruaru. Aí eu peguei prática em todo tipo de máquina, reta, de picota, overlock, inclusive pra fazer desenhos. Aí hoje a gente trabalha juntos, tem vez aí que ela pega, como pegou um fardamento, num foi Dinha? (Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)

A experiência laborativa de Gercino Silva destaca que ao longo da vida adquiriu habilidades nas máquinas de costura com tecnologias diversas e com especializações em diversos tipos de materiais para ofício. Assim como Mauricea Souza, o casal Gercino Silva e Josefa Velez ocupam-se de encomendas de empresas locais e de âmbito nacional, segundo a demanda posta por uma tendência mercadológica. A escolha de uma empresa como Nildo Bolsas com relação ao trabalho de Gercino Silva demonstra como as empresas

de maior porte potencializam a concorrência entre os faccionistas, que trabalham com o material couro, pois esse tipo de mão de obra ganhou um nível de especialização na região do Cariri, que contou inclusive com a questão da promoção do turismo (com a Festa do Bode Rei) e das locações filmicas. Nesse caso, a experiência com o trabalho em peças de couro, que vem desde o período colonial na região Nordeste do Brasil, passa a ser transmitida em condições mais sofisticadas, por meio do uso de máquinas e de iniciação de jovens trabalhadores, que podem, inclusive, não receber uma remuneração digna, devido à condição de aprendizes. Há que se perceber uma característica dessas máquinas oriundas da China, popularizadas na região do agreste paraibano e pernambucano, devido à aquisição de bens de capital ainda mais sofisticados: a de possuírem um elevado padrão tecnológico, cuja aproximação faz lembrar um computador. Refletindo sobre tecnologias similares, pesquisadores teceram as seguintes considerações:

Nas atividades que demandam conhecimentos altamente especializados, sobretudo aquelas vinculadas às tecnologias de informação, como o desenvolvimento de softwares, e que se articulam em redes de colaboração, à flexibilidade dos vínculos trabalhador-empresa somam-se os requisitos de inovação e criatividade, características da própria atividade, e mais disponibilidade de deslocamento, investimento próprio em qualificação e busca permanente por atualização, encontráveis particularmente numa população jovem, sem encargos de família. (LIMA, HOLZMANN, 2015, p.69)

A dinâmica de popularização de bens de capital, por meio de financiamentos ou *leasing* dirige ao estabelecimento de uma série de facções têxteis concorrendo entre si pela qualidade do serviço e pelos preços nas tratativas com as empresas. De acordo com o casal de faccionistas:

J.V.T.: *É... assim, em época de setembro, ele ajuda, aí enquanto eu tô numa máquina ele tá noutra, eu faço uma coisa, ele faz outra... A gente pega muito em época de São João também.*

G.D.S.: É porque aqui é o seguinte, se fosse assim, a gente tivesse uma freguesia, que nem eu vejo em Santa Cruz...

J.V.T.: Porque a concorrência aqui é muita também, né? (Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)

A resposta da entrevistada sugere que a concorrência é ampliada em Queimadas/PB, provavelmente, pela mesma prática de subcontratação e de precarização de um operariado cada vez mais assolado pelo capitalismo nas áreas periféricas em busca da alternativa para melhoria da renda familiar. Cabe avaliar um aspecto inerente a esses processos: a desorganização dos trabalhadores, a partir do caráter individual/familiar das facções no contexto das disputas por serviços. Um indício dessa desmobilização parece ter raiz no fato de uma empresa “descredenciar” uma facção ou grupo de facções se acaso houver uma demonstração de resistência de caráter político. Outra possibilidade é a de criar seções com trabalhos específicos entre os faccionistas, pois sendo assim, aplicam uma prática de administração telescópica de empresa, que segmenta e pulveriza ainda mais a identidade de classe em um quadro de globalização econômica, em que os métodos produtivos de antes e de hoje convivem harmonicamente. Segundo Gercino Silva:

Aí vamos supor, porque em Santa Cruz é assim, por exemplo, aqui a gente tem duas máquinas, aí eu comprava mais duas, uma ganoleira e a outra, a gente fazia tipo uma máquina pra pegar qualquer tipo, em blusa, em short, aí a gente pegava. As pessoas lá é desse jeito, eu tenho um primo lá que mora lá, ele pega as peças já vem tudo cortadas, aí ele costura por peça, aí pronto, fechar uma camisa assim (indicando para a minha blusa), eles pagam um real, tais vendo? Mais eles tem práticas, enquanto ele pega uma, a mulher tá em outra, isso aí em máquina é ligeiro demais, entendeu? (Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)

Ou seja, trata-se de uma facção de padrão mais recente, com a difusão de maquinários sofisticados (com tecnologia incorporada de softwares), mas nesse caso, voltada para padrões produtivos de método fordista em um espaço semelhante às *Sweetshops*. Essa relação entre uma grande empresa e os faccionistas também tende a mascarar as unidades produtivas diante dos mecanismos fiscais do Estado, porque a produção é escoada com discrição em horários alternativos. No curso da entrevista, os narradores demonstraram a relação entre o tipo da máquina, o uso para fins produtivos e o pagamento obtido na produção:

J.V.T.: *É igual bainha de calça, bainha de calça é ligeiro demais...*

G.D.S.: Isso aqui em máquina, pra pregar uma gola dessas (indicando para a minha blusa), quando a pessoa pega a prática é rápido, numa semana eles lá faturam quase dois mil reais.

J.V.T.: Tudo é a prática.

G.D.S.: *Aí quando eles vem me pagar negócio de diária eu digo: “Não!”, tem que me pagar é na produção, o que eu produzir você me paga, é desse jeito... Se eu pegasse numa máquina de manhãzinha, quando fosse de tarde eu tava com os meus duzentos reais, e se for fazer pra pagar salário, eu digo: Eu num vou fazer em cima de salário, né? Salário mínimo já tá dizendo, já é mínimo, né? Eu digo: Vamos fazer o seguinte, eu trabalho na produção, o que eu produzir você me paga... Na produção, quando der umas quatro horas eu vou é tomar meu banho, eu digo pronto, eu vou trabalhar é no outro dia. (Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)*

Essa flexibilidade referente a possibilidade de administrar o horário de trabalho e de folga pode ser um estímulo a defesa dessa modalidade de produção entre alguns faccionistas, pois o horário livre tem como ser aproveitado em descanso ou na realização de outro trabalho. Porém, pesa nesse processo a convivência com uma condição de perda de direitos previdenciários, além de não existir o assalariamento, mas a livre negociação entre o contratador e o faccionista. Essa relação poderia ser uma via de afirmação de uma identidade

desses trabalhadores ante os grandes empresários, por meio de greves ou boicotes à determinadas empresas. Porém, na correlação de forças, alguns segmentos de faccionistas tendem a estabelecer negociações, que desfavorecem os demais e tendem a baratear o montante da contratação. Nesse sentido, os narradores declararam:

Eu trabalhei aqui mesmo, eu fazia 400 e poucas bolsas, eu dizia: “Vamos fazer o seguinte Nildo, você me paga o que eu produzir”, Nildo é daqui.

J.V.T.: Tem muita confecção aqui, muita, muita mermo.

G.D.S.: O negócio é o seguinte, Nildo não tem pedido direto, porque como a cidade é pequena, aí ele não tem muito pedido. Porque eu mesmo tenho muita prática em máquina, uma bolsa rapidinho eu fecho ela, costura reta, eu pego uma máquina dessa vou embora, pra fechar uma blusa dessa eu tenho a maior prática. (Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)

Uma brecha encontrada pelos contratantes, prepostos das grandes empresas, é a de segmentar os faccionistas entre os que possuem mais experiência e aqueles que estão ingressando no trabalho, pois os últimos são mais suscetíveis a realizar o trabalho por um menor pagamento.

Mas para além do salário e da aposentadoria, os trabalhadores são desassistidos do direito de ser “encostado pela perícia” em caso de acidentes de trabalho. Conforme o narrador:

Isso aqui mesmo ó (mostrando a mão direita), foi um acidente lá em Recife, quando eu tinha 15 anos, nós trabalhando pra fazer entrega, o médico me deu um mês, eu num passei quinze dia, eu trabalhava com um tio meu... (Gercino Silva. Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)

A avaliação do narrador é precisa, quando menciona a pressão inerente ao ganho e a questão do acidente de trabalho em uma

Sweetshop. Uma empresa familiar pode, em alguns casos, ter implicações no sacrifício para cumprimento de uma meta na luta pela sobrevivência. Assim, muitas vezes os trabalhadores procuram sonegar a luta por direitos, premidos pela necessidade material imediata. Alguns empresários, quando percebem ou recebem informações sobre denúncias, facilitam que se escondam ou se evadam do local de trabalho durante as vistorias dos fiscais do Ministério ou da Delegacia do Trabalho. Assim, evitam multas e indenizações e garantem as possibilidades exploratórias.

Mas, Gercino Silva antes de ser faccionista teve uma vida de trabalho no campo. Ao menos duas gerações anteriores dedicaram-se à lida nos cultivos em um sítio em Pernambuco. Conforme nos narrou:

Bom, a lembrança dos meus avós, olhe, são pessoas muito batalhadeiras, mais eram pessoas que... do campo né, da agricultura, pai plantava é... milho, feijão, mamona, já ouviu falar, né? maracujá. Isso só da parte do meu pai, então lá no sítio era muito bom, de frutas tinham manga, banana, abacate, laranja, entendeu? Aí tinha muito lá, o nome era sítio Amaro. Isso em Pernambuco, eu sou de pernambucano. Então, meu pai comprou essa propriedade, antes ele foi combinar com meus avós, ele só comprava se eles fossem pra lá tomar de conta, eles concordaram, e então meus avós foram pra lá tomar conta da propriedade, ficaram lá, o sítio com casa boa. Meu pai dizia: “Eu só vou comprar um sítio cheio de benfeitoria, benfeitoria que eu digo assim é, com bananeiras, tinha uma varge (parte baixa, mais úmida) grande, aí nós plantava cenoura, beterraba, tomate, entendeu? Meus avós tiveram oito filhos, o paterno. Meus avós maternos eu tenho, mas não lembro tanto, eu não tenho assim tanta lembrança como da parte do meu pai, entendeu? Eles não tiveram esse estudo todo, tiveram não... eles se dedicavam muito na agricultura, meus tios parecem que só tem um tio formado, que é Tio João, que mora no Paraná, tio João que é formado lá, em negócio de engenheiro lá... os outros iam pra escola tudo, mais o que eles se dedicavam mais era agricultura, eles não tinham esse gosto de estudo na época, era só agricultura... Eram aqueles silos grandes, tudo cheio de alimento, de feijão, milho, jerimum, mamo-

na, maracujá, ele trazia toda semana era três carros carregados de burro ou jumento, trazia pra feira, ele lucrava no maracujá, porque maracujá ele tira toda semana... Então ele tinha uma renda muito boa, meu avô, fazia farinha, entendeu? Lá na casa de farinha lá próximo, eu ajudava também nesse processo, fazia aquele beiju tradicional, entendeu? Então era época de fartura, mesmo, isso no Pernambuco, sítio de Amaro, município de Brejo da Madre Deus, então a gente chegava lá, os trabalhador chegava lá, o café da manhã era que nem o almoço, era cuscuz, batata doce, banana cozida, era macaxeira, entendeu? Era bucho cheio mesmo, leite, ele tinha umas vacas, tinha o leite, todo mundo queria trabalhar pra eles. Tinha aquele pessoal que não lucrava ele dava, dava jerimum, arroz, dava um bocado de feijão, “tem umas mangas? Tem, tire! suba no pé, não derrube as verdes, tire”, era assim, dava banana, leite. Ele não vendia um litro de leite pra quem precisava não, ele dava, “traga seu litrin que eu lhe dou, pra sua nenenzinha”. (Gercino Silva, entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)

As memórias de Gercino Silva apontam para um tempo de subsistência e relações comunitárias no Brejo da Madre de Deus/PE. A produção dos víveres era familiar e estudos elementares para subsidiar a atividade no campo. Nas áreas rurais os estudos eram resumidos às primeiras séries e os egressos eram integrados a uma atividade profissional. Segundo Gercino Silva:

Lá em casa pai teve doze filhos, aí morreu seis, criou-se seis. Tudo da minha mãe, com minha madrasta não houve nenhum, foi tudo da primeira. Aí meus avós tiveram oito, minha mãe teve doze e criou-se seis, quatro homens e duas mulher, era antigamente era assim. Na época dos meus avós, meus tios, eles não se dedicavam em estudo não, o negócio deles era a agricultura, era, gostava muito e plantava, botava quarteirão grande, era mantimento pra casa, era tudo de muito... Nos silos a gente comprava aqueles venenos pra não dar bicho, quando era um ano que não dava bom de lucro, mais nos silos tinham mantimentos pra se manter. Meu pai trabalhava como vendedor de cenoura, aí ele levava a gente também, a gente já morava na rua, na cidade de Brejo da Madre Deus, eu só ia lá no sítio nas minhas férias, porque eu gostava e ficava lá, entendeu? Então, meu pai ele, se muito fez, fez a terceira série, e meus irmãos teve um que chegou a terminar o segundo grau, teve outro que não... (Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)

Para Gercino Silva a experiência escolar também ficou restrita às primeiras séries, sobretudo em decorrência da exaustiva carga horária no campo e o ensino noturno. A escola, que poderia envolver um processo de emancipação, teve uma maior probabilidade para heteronomia, migração e trabalho precário. Segundo o narrador:

E eu, eu primeiramente fui pra Campina Grande, através de um compadre meu, que era lá de Brejo da Madre Deus também, Oziel, ele trabalhava na Coca Cola, nessa época, então ele via aquele esforço meu, aquele serviço pesado, no campo, trabalhando com meu pai, no plantio de cenoura que ele tinha, porque ele plantava ela, aí ela tinha que chegar no ponto, ensacar ela, lavar, tinha aquele processo todo, era muito trabalhoso, e ele vendo aquilo daqui, eu chegava de cinco da tarde, chegava em casa tomava um banho, jantava pra ir pro colégio, chegava no colégio, dormia, cansado, a professora dizia; “Mais Gercino, rapaz”, eu digo; “Eu tô cansado de trabalhar professor”, não é como hoje, a gente foi criado assim... E então, aí esse colega meu disse; “rapaz eu vou arrumar um emprego pra tu na Coca Cola”, Eu disse; “arrume rapaz”. Ele disse; “você vem”? Eu digo; “vou, arrume”! Aí arrumou pra mim, ajudante de pintor, porque ele trabalhava de pintor letrista. Quando foi com um mês mais ou menos ele ligou pra mim, pode vim que o emprego tá certo. Na época eu tinha uns 38 a 40 anos, por aí. Eu saí lá do Pernambuco pra vim aqui trabalhar. Eu saí de Brejo da Madre Deus pra vim trabalhar né? Eu deixei minha esposa lá, na época eu era casado com outra não com Dinha, aí vim embora, deixei ela lá na casa do meu pai e eu disse, quando eu estiver bem estabelecido lá em Campina e tiver dando certo, aí eu arrumo um cantin arrumo uma casinha aí eu venho buscar vocês, aí eu vim pra cá e graças a Deus deu certo, aí eu passei uns tempos em Campina, aí através de um amigo meu, o Sergio, ele morava aqui em Queimadas, aí eu pagando aluguel lá, aí Sergio disse; “Rapaz Queimadas o aluguel é bem mais barato e é perto de Campina”, aí eu digo; “E mermo Sérgio?” Ele: “É pô, e é uma cidade tranquila”, eu digo, tá certo. Aí eu vim num dia de domingo aí e arrumei uma casinha, aí eu disse, eu vou morar em Queimadas. Aí desse período já vai fazer uns vinte e cinco anos que eu tô morando aqui em Queimadas, aí conheci ela (Dinha), me separei da outra, não deu certo, entendeu? (Gercino Deodato da Silva. Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)

Destacamos nesse contexto, que por caminhos diversos os azimutes de Gercino e Josefa Velez se cruzaram em processos de

migração e separações conjugais. Gercino Silva destacou a relação formal de trabalho em uma fábrica de refrigerantes multinacional e a morada em uma cidade dormitório. E ao longo dos anos firmaram uma convivência conjugal e passaram a produzir artigos em uma facção. Conforme a narrativa do casal:

J.V.T. :Eu estava separada

G.D.S.: *Aí ela também passou por uma passagem também, que não deu certo também, né? Aí a gente se conheceu e eu disse, vamos tentar, pra ver se dar certo, e estamos aí vivendo a vida né... Vai fazer dez anos e nós estamos aí...*

J.V.T. :Aí a vida da gente é essa, né?

G.D.S.: Eu trabalho, ela trabalha...

J.V.T.: Ele trabalha de vigia, final de semana e feriado, e eu trabalho...

G.D.S.: Eu trabalho pela prefeitura, né? (Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)

Atividade de Gercino Silva como vigia é complementada pelos ganhos de Josefa Velez, que realiza seu ofício em uma empresa do setor de saúde. Ambos se dedicam à costura, mas mantém o sítio como possibilidade de retorno a uma vida mais distanciada das pressões do trabalho terceirizado. Segundo a narradora:

J.V.T.: E hoje ele não tem contato com o sítio dele, mas eu tenho que é pertin, daqui pra lá é vinte minuto. Eu sempre vou lá e pretendo fazer uma casa pra mim pra quando eu me aposentar eu ficar lá, só criando minhas galinhas, porque assim, eu num moro lá, porque casa tem pra morar! mas eu num moro lá porque assim, tem o colégio do menino, o trabalho dele (Gercino), meu trabalho, que eu pego de uma às seis horas e pego de sete da noite, porque antes eu era prestadora do estado, aí o estado terceirizou, aí eu trabalho pra uma firma chamada InSaúde. (Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)

A condição de trabalhadores das facções tem relações com atividades complementares. Nos quadros da globalização, um traba-

lhador pode ser motorista de uma empresa plataformizada e segurança de boate, por exemplo. No caso de Josefa Velez, temos uma trabalhadora contratada temporariamente pela prefeitura, que terceirizou o trabalho para uma empresa privada. Ou seja, a terceirização tem implicação de ter também o vínculo com trabalhos sazonais da região, conforme as demandas presentes. Para outros, a especialização no trabalho têxtil faccionista torna-se estável. Essa relação é fruto de um acompanhamento às gerações tecnológicas do maquinário. Segundo o narrador:

G.D.S.: Eu sou muito prático de aprender as coisas sabe, eu vendo você fazendo uma coisa, eu gosto muito de olhar e aprender, eu sou muito curioso em aprender, se a pessoas disser, “rapaz eu faço uma coisa”, mas se ela fizer na minha frente e eu olhando, já era! Eu aprendo na hora, eu tenho muita facilidade de aprender as coisas, eu gosto muito de ter curso pra aprender as coisas, e praticando é que eu aprendo fácil. Com a costura foi assim também, rápido, num instante eu aprendi, meu tio ficou besta, aí aprendi a costurar, aprendi a fazer modelagem de bolsa, os modelo lá tudinho, ele só confiava neu, porque né todo mundo que sabe cortar bolsa, tem pessoa que desperdiçava muito, aí eu não, eu cortava e ele ficava besta. Às vezes enquanto ele cortava o pedaço certo pra fazer vinte bolsa, eu ia lá e fazia vinte duas, ele dizia; “Oxen, como danado tu fez isso?”, e eu; ué, eu aumentei né, tio.

J.V.T.: *É porque tudo é a prática não adianta, eu conheço gente, que tem curso e que não sabe sentar numa máquina, não adianta você ter o curso e não praticar, porque essas máquinas ela precisa muito de habilidade. Pronto, minha mãe é costureira, ela faz até vestido de noiva, mas ela não sabe costurar nessas máquinas, porque se você pisar ela vai embora...* (Josefa Velez Tavares e Gercino Deodato da Silva, entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017)

Constatamos, assim, que as máquinas vão se tornando cada vez mais sofisticadas por meios tecnológicos incorporados, mediante de métodos produtivos toyotistas ou volvistas importados na informalidade da terceirização faccionista. Aqui cabe destacar que não existe

necessariamente um treinamento a esses trabalhadores em unidades familiares, tampouco eles leem as instruções em idiomas estrangeiros. Então, resta notar que a especialização em máquinas de “gerações” anteriores permite a esses trabalhadores o desenvolvimento de uma intuição, a partir do manuseio com as de tecnologia ultrapassada, para fins de operação de equipamentos atualizados e, que incorporam, cada vez mais, recursos tecnológicos. Consoante os narradores:

G.D.S.: Essa máquina é rápida, muito rápida...

J.V.T.: *É pela prática, eu nunca fiz curso não.*

G.D.S.: Eu também não, eu peguei na prática.

J.V.T.: Mas se você disser, assim, faça uma calça pra mim, eu faço.

G.D.S.: Olha eu botei uma coisa na minha mente aqui. Porque o pessoal me pergunta se eu fiz algum curso. Mas na minha mente aqui eu faço tudo, eu botei na cabeça de fazer esses artesanatos pela casa e fiz, eu boto na mente e faço, esses jarros, tudo é que eu invento, porta-chave, porta-retrato, porta-guardanapo, do mesmo jeito é na costura... (Josefa Velez Tavares e Gercino Deodato da Silva, entrevista concedida em 12 de dezembro de 2017).

As narrativas destes protagonistas também incluem a nova realidade, no contexto neoliberal, dos contratos dos terceirizados. No caso dessa família, ambos garantem uma renda mínima como prestadores de serviços em tempo parcial para as instituições públicas, mas a produção têxtil é fundamental para garantir o sustento familiar.

Com a desregulamentação do trabalho e a erosão que cometeu a Justiça do Trabalho no contexto recente da expansão da terceirização, da desregulamentação das Leis Trabalhistas e, mesmo, da condição dos limites da cobertura das leis inerentes ao trabalho (porque muitos trabalhadores preferem o ganho imediato, que o protocolo referente ao regulamento do trabalho, devido às necessidades imediatas ligadas a condição de pobreza) ou de mecanismos

extralegais (nos quais, às vezes, trabalhadores, prepostos ou patrões pactuam) resultam em claros limites da aplicação do Direito. A partir das pressões das contratantes, um historiador do trabalho destacou:

Mais complexificada, a aparência de maior liberdade no espaço produtivo tem como contrapartida o fato de que as personificações do trabalho devem se converter ainda mais em personificações do capital. Se assim não o fizerem, se não demonstrem estas “aptidões” (“vontade”, “disposição” e “desejo”), são substituídos por outros trabalhadores ou trabalhadoras que demonstrem “perfil” e “atributos” para aceitar estes “novos desafios”. (ANTUNES, 2018, p. 106).

Deste modo, as grandes fábricas ampliam a competitividade em mercados regionais, mediante uma desregulamentação laborativa em áreas, onde esse tipo de trabalho precarizado surge com uma opção de complementar a renda ou de garantir o sustento familiar. Igualmente, as empresas locais do comércio do setor têxtil podem encomendar, enquanto as facções estão desobrigadas de outros trabalhos, possibilitando uma espécie de educação para o trabalho de novos trabalhadores, que serão futuros facçãoistas. Muitos desses, inclusive, por um dono de máquina franquear a possibilidade de aprender pode não receber nenhum pagamento, porque o pagamento é necessariamente aprender a manusear e ganhar habilidade com a máquina nesse treinamento prévio. As primeiras pagas virão, conforme o correr das encomendas.

Considerações finais

À guisa de conclusão, destacamos que a estruturação de modalidades produtivas em espaços residenciais tende a ocultar as pos-

síveis fiscalizações da Delegacia do Trabalho, porque não ocorrem no espaço fabril convencional. E como tal, a exploração é ocultada em cômodos de moradias, em latadas (termo regional para uma estrutura caracterizada por uma mão francesa, que sustenta um telhado retangular, mas que em alguns casos pode ser como uma pérgola) ou em um galpão no quintal. A relação com o trabalho familiar garante a reprodução econômica e a possibilidade de envolver aprendizes (que podem ganhar uma pequena remuneração ou nenhuma, afinal estão recebendo os fundamentos de uma educação para o trabalho com o consentimento dos responsáveis). Os horários da lida são programados conforme a urgência e a disponibilidade dos envolvidos na produção, considerando que uma entrega no prazo ou mesmos antes, credencia o grupo em questão como produtivo no catálogo das opções para futuras encomendas. Os faccionistas muitas vezes adquirem máquinas novas de origem chinesa, a partir das economias feitas ao longo dos anos. Outras vezes, fecham um contrato *leasing* ou ainda adquirem máquinas de segunda mão de outros. O fato é que esse maquinário atente às demandas de extração da mais-valia relativa (em virtude de incorporarem tecnologias, que tornam o trabalho mais rápido), bem como da absoluta (pois os faccionistas podem trabalhar longas horas com intervalos diminutos para cumprirem a meta), criando método brutal de exploração do trabalho.

O uso das fontes no trabalho nesta pesquisa revelou as estratégias de sobrevivência formuladas por grupos de trabalhadores em uma trajetória social de gerações com relação ao mundo do trabalho, demonstrando as possibilidades de ser um recurso ao pesquisador para estabelecer diálogos com outras fontes e com constructos interdisciplinares.

Curiosamente, enquanto seguíamos para fazer as entrevistas, o rádio do carro tocava músicas de um programa evangélico, que envolve uma audiência do agreste pernambucano e paraibano. O programa faz lembrar os tradicionais programas matutinos, voltados para os trabalhadores, com chamadas alegres e jargões sobre o despertar, o tomar café e se apressar para ir ao trabalho. Mas, nesse caso, acentua a questão da fé evangélica com músicas, tendo como vinheta um barulho de uma máquina de costura em operação, enquanto se opera a máquina. Ou seja, o programa congrega e informa os membros das várias denominações em uma rede, enquanto os trabalhadores faccionistas espalhados nesse compartimento geográfico trabalham para cumprir os prazos das encomendas motivados por músicas religiosas, notícias sobre assuntos diversos e estímulos ao trabalho. Assim, a ideologia do empreendedorismo, ao invés de produzir “empresários de si”, produz “proletários de si”. A luta política desses trabalhadores permanece uma incógnita.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

BURNETT, Annahid. **Vozes da Sulanca**. Alemanha: Editora NEA, 2016.

LIMA, Jacob Carlos; HOLZMANN, Lorena. Tempo, espaço e trabalho. In: Eckert, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da (Orgs). **Etnografias do trabalho, narrativas do tempo**. Porto Alegre: Marcavisual, 2015.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 15-25.

LUCLKTENBERG, I. A. B. **A indústria têxtil catarinense e o caso da Hering**. 2004, 261 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Cosac Naif, 2003.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, vol. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

PORTELLI Alessandro. Un trabajo de relación. Observaciones sobre la historia oral. **Testemonios**, n. 7, p. 193-204, 2018.

RIBEIRO, A. V. **Análise das empresas de costura frente ao desenvolvimento local do município de Bandeira do Sul/MG**: um estudo de caso. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Organizações) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

SIQUEIRA, L. B. de. **Informalidade e precarização**: o trabalho das costureiras de facção de Fortaleza/Ceará. 2012. 140 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

NETO, R. J. **Formação, expansão e possibilidades de consolidação da indústria de confecções na Região de Criciúma**. 1995. 217 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

THOMPSON, Edward, Palmier. **A formação da classe operária inglesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, Edward, Palmier. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FONTES ORAIS (Nomes Reais)

SOUZA, Mauricea Santina Soares. *Trabalha comigo ou a família de casa ou a família da igreja*. História Oral concedida em 2017.

TAVARES, Josefa Velez; SILVA, Gercino Deodoro da. *Meu marido costura também, ele faz bolsa, faz tudo*. História Oral concedida em 2017.